

LINGUASAGEM

FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO EM TEMPOS DE PANDEMIA, QUAIS PRÁTICAS PRIORIZAR?

TRAINING THE LITERARY READER IN TIMES OF PANDEMIC, WHICH PRACTICES TO PRIORITIZE?

Luciana Ferreira LEAL¹

Resumo

O presente artigo apresenta os resultados obtidos na execução do projeto “Formação do leitor literário em tempos de pandemia, quais práticas priorizar?”, realizado, de forma remota e síncrona, pelo subprojeto de Letras do Pibid, que buscou despertar o gosto e o prazer pela leitura de textos literários em alunos do 6º ano de uma escola estadual de Paranavaí (PR). Para tanto, apresenta base teórica sobre a abordagem da leitura literária no contexto escolar, focando as práticas de leitura e o método recepcional. A partir desse método, foi elaborada sequência didática com as músicas “Dona Cila” de Maria Gadú e “Metade” de Oswaldo Montenegro, o conto “Mundo Justo” de João Anzanello Carrascoza e os livros **No oco da avelã** de Muriel Mingau e **O meu amigo Pintor** de Lygia Bojunga.

Palavras-chave: Literatura; Leitura; Formação do leitor; Atividades Remotas; Método recepcional.

Abstract

The present article shows the results obtained in the execution of the project “Training the literary reader in times of pandemic, which practices to prioritize?”, remotely and synchronously carried out by the subproject of Letras do Pibid, which claims to increase the pleasure and taste for reading literary texts in 6th grade students at a state school in Paranavaí (PR). Therefore, it presents a theoretical basis on the approach to literary reading in the school context, focusing on reading practices and the receptional method. Using this method, a didactic sequence was created with the songs “Dona Cila” by Maria Gadú and “Metade” by Oswaldo Montenegro, the short story “Mundo Justo” by João Anzanello Carrascoza and the books **No oco da avelã** by Muriel Mingau and **O meu amigo Pintor** of Lygia Bojunga.

Keywords: Literature; Reading; Reader training; Remote Activities; Reception method.

¹Luciana Ferreira Leal é professora adjunta do colegiado de Letras da Universidade Estadual do Paraná-UNESPAR, Paranavaí, Paraná, Brasil; CAPES; luciana.leal@unespar.edu.br

Introdução

O subprojeto de Letras/Português do PIBID² da UNESPAR de Paranavaí objetiva a proposição de práticas de leitura literária nas salas dos sextos anos.

Sabia-se que trabalhar com práticas de leitura durante a pandemia seria desafiador, mas muito importante. Por esse motivo, desde o início trabalhou-se para que as práticas de leitura e literatura se consolidassem, mesmo durante o isolamento social. Em um país onde a pandemia evidencia e aprofunda desigualdades, o trabalho com a literatura amplia os direitos, ao menos o direito à leitura. A literatura representa uma tentativa de enfrentar tudo que é imprevisível ou infeliz na existência humana.

Como a maioria dos alunos não tem acesso a livros dentro de casa, as práticas de leitura com textos literários contribuem para o refúgio, o acolhimento e para a possibilidade de pensar em outros futuros. A literatura é importante na formação de crianças e jovens. Ler livro e ter acesso à cultura contribui para conscientização e leitura de mundo.

Em se tratando da organização das práticas de leitura das obras trabalhadas considera-se que o conto “Mundo Justo” de João Anzanello Carrascoza e o livro **No oco da avelã** de Muriel Mingau foram lidos, por meio da leitura compartilhada e ou colaborativa, de modo que todos vissem o texto e de que pausas fossem realizadas para questionamentos sobre os entendimentos dos mesmos e o livro **O meu amigo Pintor** de Lygia Bojunga foi lido individualmente, pelos alunos dos sextos anos, fora da sala de aula, de maneira programada. Trata-se de um tipo de leitura que tem por objetivo trabalhar com o desenvolvimento da proficiência leitora dos alunos em se tratando da leitura de textos mais extensos e complexos, programando a leitura do material parte a parte.

Ressalta-se a importância da formação de leitores também dos pibidianos, para que, enquanto professores e mediadores de leitura possam ter condições de identificar o que é ou não um bom texto literário. Para Teresa Colomer (2007), o gosto e o juízo de valor são inseparáveis da experiência de leitura. São aspectos que se formam por meio da prática. Por isso, é importante que alunos e professores conheçam as obras infantis e juvenis, a fim de que tenham condições de ampliar os parâmetros de comparação,

² O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid) oferece bolsas de iniciação à docência aos alunos de cursos presenciais que se dediquem ao estágio nas escolas públicas. O objetivo é antecipar o vínculo entre os futuros professores e as salas de aula da rede pública. O Pibid realiza uma articulação entre a educação superior, a escola e os sistemas estaduais e municipais. Na UNESPAR, campus de Paranavaí, o subprojeto de Letras é composto por 13 graduandos, 11 bolsistas e 2 voluntários; a supervisora que é a professora regente das salas dos sextos anos e a coordenadora local, professora e pesquisadora da UNESPAR e orientadora do projeto aqui descrito.

opinando sobre o que leem e construindo os próprios horizontes de expectativas sobre cada leitura realizada.

A oportunidade de ler representa um papel decisivo no despertar do interesse pela leitura. Por esse motivo, o trabalho desenvolvido visou garantir ao aluno leitor, situações de aprendizagem voltadas para o caráter libertador do ato de ler, pensando nas práticas, nas mediações e nos textos escolhidos.

Aspectos teóricos a considerar

Leitura compartilhada e ou colaborativa

A finalidade da leitura compartilhada ou leitura colaborativa é a de trabalhar com as capacidades de leitura, estudando o texto coletivamente, por meio de leitura que mobilize nos estudantes capacidades (estratégias) de leituras necessárias para a construção da sua proficiência. O estudante pode aprender sobre a estrutura do texto e sobre os diferentes suportes, apreciar textos bem escritos, compartilhar os sentidos e significados construídos a partir do texto. Esta prática de leitura permite reler um parágrafo para, por exemplo, buscar apoio na argumentação. (BRÄKLING, 2008). Por esse motivo, todos os alunos precisam ter acesso ao texto, seja impresso, seja projetado.

Leitura compartilhada ou leitura colaborativa é uma atividade de leitura que objetiva estudar o texto em colaboração com outros leitores, colegas de sala e com a mediação do professor. O mais importante dessa atividade é o procedimento de leitura e não o resultado desse processo, diferentemente da leitura silenciosa com questões para serem respondidas por escrito. A leitura compartilhada ou colaborativa ensina como se faz para ler/interpretar.

Uma atividade de leitura cuja finalidade é estudar um determinado texto em colaboração com outros leitores e com mediação do professor. O foco do trabalho é o processo de leitura – e todos os seus conteúdos específicos –, e não o produto desse processo, como acontece em uma atividade de leitura silenciosa com questões para serem respondidas por escritos – que permite apenas a verificação do que o aluno compreendeu do texto, ao invés de ensiná-lo como se faz para ler. (BRÄKLING, 2004, p. 6)

A Leitura compartilhada ou colaborativa tem como objetivo trabalhar as habilidades de leitura, tendo em base o ensinamento de ler e de adquirir facilidade de compreensão e interpretação dos textos diversos. (ROJO, 2004).

A realização da atividade de leitura compartilhada deve ser coletivamente com a orientação de um mediador. O texto que há de ser lido não deve possuir uma proficiência autônoma pelos alunos, se assim fosse, não precisa de colaboração para recuperar o sentido do texto. As intervenções devem ser realizadas (antes, durante e depois), tendo como base o levantamento de conhecimentos prévios e fazendo com que o próprio aluno encontre as respostas das hipóteses feitas. A leitura deve ser realizada paulatinamente pelo mediador. A cada pausa, o mediador deve lançar questionamentos que possibilitem que o aluno realize inferências e reflexões, e também faça localizações de trechos, desenvolvendo assim as capacidades de decodificação e de compreensão, interpretação, interação leitora, percepções de relação de intertextualidade e interdiscursividade, obtendo melhor compreensão do que está lendo.

Por fim, a leitura compartilhada ou colaborativa tem por finalidade formar leitores proficientes, capazes de realizar análises críticas com autonomia, transformando-se, assim, em cidadãos ativos e reflexivos e atuantes na sociedade. Nessa prática de leitura, o trabalho é coletivo e os estudantes aprendem um com o outro, com a interação. Os alunos têm de se sentir desafiados pelas intervenções para que seus conhecimentos possam ser ampliados.

Leitura Programada

A finalidade da leitura programada é discutir coletivamente um texto considerado mais complexo. Nela, o professor divide o texto em trechos que serão lidos, individualmente e, na sequência, discutidos coletivamente na classe a fim de que o professor ensine procedimentos de recuperação da parte anteriormente lida. A leitura programada possibilita reduzir a complexidade da leitura, uma vez que o professor segmenta a obra em partes, indicando a leitura sequenciada de cada uma delas. A leitura programada proporciona a ampliação da proficiência leitora, tanto no que se refere à extensão dos textos quanto no que diz respeito à complexidade dos mesmos. Para Carla Tocchet:

A leitura programada, ao lado de outras, é uma modalidade de leitura que prevê o trabalho com a ampliação da proficiência leitora em relação à leitura de textos mais extensos, programando a leitura parte a parte. A partir da leitura prévia de cada parte, realizada individualmente, promove-se uma discussão coletiva, ensinando procedimentos de recuperação da parte lida anteriormente. O trabalho de discussão coletiva compreende a mobilização de capacidades de leitura para atribuição de sentidos ao texto, considerando suas características específicas. (TOCCHET, 2016, p. 632-633)

Nessa situação didática, o texto é lido gradativamente em partes programadas para determinadas datas. A leitura é socializada e discutida em datas previamente combinadas, com a mediação do professor. A discussão possibilita o entendimento e estudo da parte do texto que foi lido, a fim de que promova a compreensão da leitura das partes seguintes. Nesse sentido, os estudantes podem ser incentivados a realizar antecipações da próxima parte do texto que lerão, a fim de estimular a realização da leitura seguinte.

Também durante a discussão, o professor pode introduzir informações a respeito da obra, do contexto em que foi produzida, da articulação que estabelece com outras, dados que possam contribuir para a realização de uma leitura que não se detenha apenas no plano do enunciado, mas que articule elementos do plano expressivo e estético. (PCNs, 1998, p.73).

A maneira como o aluno vai desenvolvendo sua leitura, e encontrando respostas para questionamentos referentes ao texto, vai atribuindo sentido à leitura programada. Nesse sentido, os momentos coletivos em sala de aula devem despertar no leitor o interesse pela busca. Com a leitura programada, o professor pode ousar em suas escolhas, com textos de boa qualidade literária, que os alunos não leriam e nem escolheriam sozinhos, como obras mais extensa e diversos gêneros e tipos textuais.

Método Receptional

Vera Teixeira de Aguiar e Maria da Glória Bordini em *Literatura – a formação do leitor: alternativas metodológicas* (1993) destacam cinco métodos de trabalho com o texto literário, definidos a partir de concepções teóricas distintas. Entre eles, encontra-se o Método Receptional, cuja base teórica é a Estética da Recepção, de Hans Robert Jauss, destacando-se, entre os demais, por colocar em evidência a recepção do texto literário pelo leitor e colocar este aspecto como ponto central do trabalho com a literatura.

Nesse sentido, o método receptional consiste em cinco etapas, são elas: sondagem dos horizontes de expectativas, atendimento aos horizontes de expectativas, ruptura dos horizontes de expectativas, questionamento dos horizontes de expectativas e ampliação dos horizontes de expectativas.

A primeira etapa “sondagem dos horizontes de expectativa” representa a determinação do horizonte de expectativas por meio da realização do diagnóstico da

realidade sociocultural do aluno, suas preferências, seus interesses e nível de leitura, gêneros e temas, mediante observações, diálogos, questionários e debates.

A segunda etapa “atendimento aos horizontes de expectativas” constitui-se no momento em que o professor leva para a sala de aula textos que satisfaçam as expectativas dos alunos em relação aos temas e gêneros escolhidos. Ou seja, é o momento em que o professor responde aos desejos e anseios dos alunos, levando para a sala de aula temáticas e textos que os alunos desejam.

A terceira etapa, intitulada “ruptura dos horizontes de expectativas” implica no trabalho com obras que desestabilizem as certezas e hábitos dos alunos, no que diz respeito às experiências literárias. Nessa etapa, o professor deve trabalhar com textos análogos aos anteriores, seja no que diz respeito à temática ou forma, no entanto, a fim de que haja o rompimento dos horizontes de expectativas, o professor precisa levar obras que possibilitam a ampliação dos conhecimentos dos alunos. Dessa maneira, o professor ao mesmo tempo em que respeita a experiência dos alunos, partindo das suas expectativas exige mais dos mesmos.

[...] o texto pode confirmar ou perturbar esse horizonte, em termos das expectativas do leitor, que o recebe e julga por tudo o que já conhece e aceita. O texto, quanto mais se distancia do que o leitor espera dele por hábito, mais altera os limites desse horizonte de expectativas, ampliando-os. Isso ocorre porque novas possibilidades de viver e de se expressar foram aceitas e acrescentadas às possibilidades de experiência do sujeito. Se a obra se distancia tanto do que é familiar que se torna irreconhecível, não se dá a aceitação e o horizonte permanece imóvel. (AGUIAR E BORDINI, 1993, p.87).

Na quarta etapa, questiona-se o horizonte de expectativas, ou seja, comparam-se e discutem-se as leituras realizadas na segunda e na terceira etapas, conduzindo o aluno a perceber quais textos lidos na etapa da ruptura demandaram-lhe um nível mais alto de análise, possibilitando-lhe mais saberes e expandindo seu horizonte de expectativas.

Tendo percebido que as leituras feitas dizem respeito não só a uma tarefa escolar, mas ao modo como vêem seu mundo, os alunos, nessa fase, tomam consciência das alterações e aquisições, obtidas através da experiência com a literatura. Cotejando seu horizonte inicial de expectativas com os interesses atuais, verificam que suas exigências tornaram-se maiores, bem como sua capacidade de decifrar o que não é conhecido foi aumentada. (AGUIAR E BORDINI, 1993, p.90-91).

A quinta etapa, ampliação dos horizontes de expectativas, ocorre no momento em que os alunos se conscientizam das mudanças e da ampliação da aprendizagem, da compreensão, do entendimento, do pensamento da percepção e do discernimento, obtidas por meio da experiência com a leitura. A última etapa contempla a ampliação do horizonte de expectativas.

Da execução e dos resultados

Em outubro de 2020 deram-se início as atividades de formação dos alunos pibidianos. Por meio de reuniões semanais e leituras orientadas, as práticas detalhadas na Fundamentação teórica foram estudadas pelos Pibidianos, tanto fundamentos e conceitos, quanto tematizações realizadas durante a formação. Todas as reuniões aconteceram remotamente, de forma síncrona, pelo *meet*, em decorrência da Pandemia Covid 19 e da suspensão das atividades presenciais na Universidade.

Em 2021 iniciou-se o planejamento e a aplicação do projeto. Para a sondagem horizontes de expectativas utilizou-se as músicas “Dona Cila” de Maria Gadú e “Metade” de Oswaldo Montenegro; já para o atendimento aos horizontes de expectativas o texto usado foi o conto “Mundo Justo” de João Anzanello Carrascoza. O livro **No oco da avelã** de Muriel Mingau foi a obra escolhida para realizar a ruptura dos horizontes de expectativas e livro **O meu amigo Pintor** de Lygia Bojunga favoreceu a ampliação dos horizontes de expectativas.

O conto “Mundo justo” está no livro **Aquela água toda** de João Anzanello Carrascoza. Obra de contos publicada em 2012, pela Cosac Naify e em 2018 pela Alfaguara, foi uma obra premiadíssima: Prêmio Altamente Recomendável da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), Prêmio da Associação Paulista de Críticos de Artes (APCA), Prêmio Jabuti e o prêmio internacional White Ravens. Na sequência, vieram as traduções para o francês, pela editora suíça Joie de lire e para o espanhol. Nesse livro, a sensibilidade e o realismo caminham de mãos dadas. Em comum, as onze histórias reúnem relatos de primeiras experiências ou vivências marcantes: o primeiro amor, a primeira decepção com um amigo, o encontro com o mar, a mudança de casa. Ambientadas quase sempre dentro do núcleo familiar, envolvem a delicada e inquieta convivência entre a família: pais, mães, filhos e tios, suas revelações, conquistas, medos, insatisfações e descobertas.

Anteriormente à prática aqui relatada, foram escolhidos quatro contos do livro já mencionado para iniciar as práticas de leitura com os sextos anos do Ensino Fundamental I: “Vogal”, “Aquele Água toda”, “Medo” e “Cristina”. O trabalho com esses contos, leitura, discussão e interpretação possibilitaram o desenvolvimento inicial do trabalho com a leitura.

A escolha do livro a ser lido é de extrema importância, livros de má qualidade literária não podem contribuir em todas as dimensões com o aprendizado do aluno, por isso é necessário ler bons livros, de bons autores. A qualidade das aprendizagens sobre a linguagem que podem ser obtidas a partir do contato com a leitura é outro aspecto que merece ser considerado no processo de escolha de textos literários. Na obra *Andar entre livros: a leitura literária na escola*, Teresa Colomer considera que um bom livro se abre como um “mapa cheio de pistas para construir seu leitor, levar-lhe pela mão em direção a terrenos cada vez mais complexos e exigir-lhe que ponha em jogo maior experiência de vida e de leitura”. (2007, p. 13).

O foco principal do presente trabalho foi despertar o gosto pela leitura do texto literário e o senso crítico dos alunos dos 6º anos do Ensino Fundamental de uma escola estadual de Paranavaí. Por meio do Projeto “Formação do leitor literário em tempos de pandemia, quais práticas priorizar?”, foi realizada uma sequência de atividades baseada nas práticas de leitura e no método recepcional de Aguiar e Bordini. Em fevereiro de 2021, a sequência de atividades foi elaborada e aplicada nos meses de março, abril e maio do mesmo ano. Antes de serem aplicadas na escola, todas as práticas foram tematizadas primeiro no grupo, e somente após orientações e definições chegaram para os três sextos anos.

Todas as práticas realizadas aconteceram remotamente, de forma síncrona, pelo *meet*, nas aulas de Língua Portuguesa das três turmas de sextos anos. Na primeira aula, os PIBIDIANOS entraram na *meet* apenas para se apresentar aos alunos e apresentarem o projeto que seria desenvolvido. Os 13 PIBIDIANOS foram divididos em 3 grupos e cada grupo atuou em um sexto ano, de modo que não houve alteração desse grupo nem da sala em que atuaram durante o desenvolvimento da sequência.

Em decorrência da Pandemia Covid 19, as aulas presenciais estão suspensas desde março de 2020. No 6º. A há 25 alunos matriculados e 20 participam das *meets*; no 6º. B há 25 alunos matriculados e 16 participam das *meets* e o 6º. C há 25 alunos matriculados e 19 participam das *meets*. Os demais alunos, por falta de acesso à internet ou equipamentos, buscam as atividades impressas na escola. Como as atividades impressas

vem direto da Secretaria do Estado da Educação, não foi possível, infelizmente, incluir os textos literários lidos nas práticas para esses alunos.

Sondagem dos horizontes de expectativas: “Dona Cila” de Maria Gadú e “Metade” de Oswaldo Montenegro

Foram lidos, analisados e discutidos com os alunos dos sextos anos os contos “Vogal”, “Aquele Água toda”, “Medo” e “Cristina” de João Anzanello Carrascoza. Durante as discussões notou-se que os alunos gostavam de música e a temática da morte sempre vinha à tona. Acredita-se que o contexto atual justifica o interesse dos alunos pela temática. A doença causada pelo novo corona vírus é considerada uma grave crise sob o ponto de vista epidemiológico e psicológico. Perdas são vividas em massa em curto espaço de tempo e a inexistência de rituais de despedida entre pessoas que estão prestes a morrer e seus familiares, assim como a inexistência dos rituais funerários são fatores que complexificam a experiência de luto.

Vale ressaltar que a fim de sondar esse horizonte planejou-se o trabalho com duas músicas: “Metade” de Oswaldo Montenegro e “Dona Cila” de Maria Gadú. Inicialmente, os alunos foram questionados se conheciam a música e os cantores. As antecipações sobre o que as músicas poderiam discutir foram realizadas.

O clip da música “Metade” foi projetado. (Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=JZ3g5WgT0Qw>>). Após a projeção, foi perguntado aos alunos dos sextos anos se gostaram da letra, da música, da musicalidade, do ritmo. Projetou-se a letra, foram destacadas alguns versos para demandar as considerações dos alunos e estabeleceu-se um diálogo com o conto “Medo”.

O eu poético do texto “Metade” evidencia a importância de superar os medos, sejam eles de qualquer natureza. É preciso insistir naquilo que se tem fé e não deixar que os obstáculos da vida diminuam a importância daquilo que se acredita. Só avança quando se enfrenta.

Os pibidianos chamaram a atenção dos alunos dos sextos anos para o título “Metade” e discutiram sobre a dualidade humana – que são os opostos que existem em cada ser humano, estimularam os alunos a falarem sobre os opostos que existem em si próprios e na vida, como um todo a fim de chegarem à maior dualidade: vida/morte. Afinal, só há sentido na vida porque ela não é eterna. Discutiram a questão da importância da arte e da leitura. Consideraram que a arte existe porque a vida não basta, uma vez que se precisa de outras vidas para completar a própria. A última estrofe: “E que a minha

loucura seja perdoada, Porque metade de mim é amor, E a outra metade... também.” rompe com a dualidade de ser dividido. Como uma lâmpada, ora brilha-se como o sol e ilumina-se tudo ao redor, ora se é dominado pelo vazio e escuridão. O poema/música fala dos sentimentos, amor como um todo e possibilita reflexões sobre os desafios internos que o ser humano convive diariamente. Um único indivíduo é pleno de sentimentos opostos.

O clip da música Dona Cila de Maria Gadú também foi projetado (disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=4SuIdrL0-A8>>). Os pibidianos perguntaram se os alunos dos sextos anos gostaram da letra, da música, da musicalidade, do ritmo. Projetaram a letra da música e deixaram os alunos falarem, relacionar a letra com a pandemia e com as perdas. Maria Gadú escreveu "Dona Cila" como uma homenagem à sua avó, pouco antes da morte dela. Os versos foram discutidos. Consideraram que as pessoas vivem enquanto são lembradas. Se estão na memória de alguém estão vivos. A literatura faz viver. É uma história triste como essa da letra da música impacta e ensina. Aprende-se com a literatura, porque se aprende o que não viveu. Mesmo sem perder avós, sente-se a dor de viver a avó. E esse é o grande poder da literatura e seu aspecto mais interessante: aprender a sentir sem ter vivido. Aprender que o mundo segue igual, mesmo quando se perde o seu maior amor e que é no silêncio, e não no grito, que se vive a morte.

Os alunos adoraram. Disseram que tinha sido a prática favorita deles, de todas as que os pibidianos tinham desenvolvido até aquele momento. Os alunos do 6º. A estavam muito empenhados, já conheciam a música “Dona Cila”, porém não conheciam a música “Metade”. Uma aluna falou da dualidade logo no início. Alguns alunos se emocionaram, emocionando também os pibidianos. Falaram de suas perdas e compartilharam sentimentos. Enfatizaram a dificuldade de perder alguém querido.

No 6º. B a realização da prática foi bem interessante. Um aluno comparou o medo com um monstro com quem precisa lutar para derrubá-lo, enfatizando que o medo é uma escuridão na alma. Outro aluno ressaltou que a imortalidade seria algo que tiraria o sentido da vida. Já no 6º. C comentaram sobre a imortalidade, gostaram de ouvir as músicas e agradeceram aos pibidianos por possibilitarem o contato com as músicas e com os textos anteriores.

Esse é o primeiro passo do método recepcional, a sondagem dos horizontes de expectativas dos alunos. É fundamental entender os conhecimentos que a turma já tem ou não tem sobre o que será trabalhado para que as práticas de leituras sejam preparadas.

Todo leitor possui uma experiência de mundo e de vida que sofrerá alterações com a experiência da obra literária.

Atendimento aos horizontes de expectativas: conto “Mundo Justo” de João Anzanello Carrascoza.

A fim de atender aos horizontes de expectativas dos alunos dos sextos anos, preparou-se a prática de leitura compartilhada do conto “Mundo Justo” de João Anzanello Carrascoza.

As reuniões de formação, que antecediam cada prática, preparavam os pibidianos para a leitura com entonação, momentos decisivos para a interrupção de leitura e questionamento dos alunos e direcionavam a condução das discussões.

Na leitura compartilhada ou colaborativa, é preciso garantir que todos tenham acesso ao texto. Quando se está presencialmente e não há livros ou texto para todos, o professor pode fazer uso do projetor multimídia para que todos visualizem o texto. Como essas práticas foram desenvolvidas remotamente, a tela do computador foi compartilhada com a projeção do texto enquanto o mesmo era lido.

Inicialmente, levantaram-se os conhecimentos prévios sobre o autor. Os alunos só não conheciam o conto. O autor e outros contos do livro já tinham sido trabalhados com eles. Assim, começaram as antecipações: o grupo mostrou o livro, leu o título do livro e do conto que seria lido naquela manhã, e perguntou o que os alunos dos sextos anos esperavam que fosse acontecer no conto. Após isso, o grupo de pibidianos apresentou o conto e o motivo da escolha do mesmo. A leitura foi realizada por um integrante do grupo. É indispensável que durante a leitura se façam pausas e boas perguntas. Por vários momentos, na leitura compartilhada ou colaborativa, é necessário interromper a leitura e lançar boas questões para conferir se todos estão entendendo a história. Após a leitura, um dos integrantes do grupo questionou os alunos se as expectativas, realizadas durante a antecipação (antes da leitura), foram comprovadas ou não, se gostaram, o que não entenderam, o que chamou mais a atenção.

A leitura compartilhada e ou colaborativa permite reler uma parte para, por exemplo, buscar apoio na argumentação. A finalidade é a de trabalhar com as capacidades de leitura, estudando o texto coletivamente, por meio de leitura que mobilize nos estudantes estratégias de leituras necessárias para a construção da sua proficiência.

A leitura compartilhada ou colaborativa foi muito bem acolhida pelos alunos. Um aluno do 6º. C comparou a prática a um cabelo cheio de nós em que os pibidianos iam

passando o pente, o que sugere que, apesar de todas as práticas de leitura serem muito importantes, uma boa maneira de formar leitores é o trabalho com a leitura compartilhada, uma vez que nas proposições de atividades com essa prática, é preciso que os diferentes leitores explicitem aos demais os caminhos que seguem para compreender um texto, que comuniquem de que maneira utilizam uma informação oferecida pela obra e como estabelecem relações entre ela e seus conhecimentos. Ou seja, não basta dizer o que se entendeu sobre uma determinada obra, é preciso explicitar como se chegou a esse entendimento.

Nesse lindo conto o tema da morte aparece com destaque e também são destaques dois irmãos, um é apaixonado pelo basquete e o outro é apaixonado pela leitura. A história é narrada pelo jogador de basquete, que não é nomeado e nutre afeto e admiração desmedidos por Edu, o irmão leitor. Mas a força do destino, cruel e abrupta mostra que a vida se modela no ganhar e perder e que não existe vitória sem derrota. O conto é narrado quase todo ele de maneira contínua, sem um ponto final.

Para as antecipações, depois de falar dos contos anteriores e apresentar o livro, o autor e o livro físico, após falar brevemente dos poemas/músicas apresentadas na prática anterior foram preparadas as seguintes perguntas: O que esperar do conto com nome "Mundo Justo"?; O mundo é justo?; Vocês já passaram por um momento, no qual imaginaram que o mundo fosse injusto? Qual?; Conhecendo alguns contos do autor, vocês imaginam que esse conto faz uma crítica ao mundo ou somente uma evidência?; O que seria um mundo justo para vocês?

Durante a leitura e pausas, questionou-se: Qual é a lógica do mundo de que o narrador fala? Vocês concordam?; Vocês conseguem dizer quem é o narrador do conto? Onde ele mora? O que ele faz? Quem é Urso?; A família o apoiava no basquete? Como ele se sentia?; Quem é Edu? O narrador sentia-se diferente quando estava com ele? O que significa a parte que diz: "no outro dia tudo vai empatar"?; Por que ele não consegue dormir? Aqui se aplica a ideia de que sempre que algo bom acontece, algo ruim vem para empatar?; Ele ganhou novamente o jogo, o que aconteceu para empatar as coisas?; Depois de recuperar a nota, qual foi a preocupação do narrador?; Edu e o irmão são diferentes? Como um alegre o outro?; Pelo decorrer da história até aqui, vocês acham que as vitórias terão alguma consequência?; Tiveram consequências? Quais?; O que significa a parte que diz que o Edu se desfrutava do mundo? Quando ele olhou pro céu qual foi o sentimento?; Como foi o jogo? Foi apertado ou fácil? Onde vocês viram isso no texto?; O que

aconteceu no final já estava previsto? Para algumas respostas, que eram objetivas, os pibidianos orientavam a volta ao texto para buscar apoio na argumentação.

Para depois da leitura, os questionamentos organizados foram: Vocês gostaram do conto?; As antecipações coincidiram?; O mundo é como no conto?; O que acham que aconteceu com o Edu?; Tem um motivo pra isso?; Para vocês a vida é passageira?; O mundo é justo?

Os alunos dos três sextos anos, apesar de participarem muito das discussões orais, não gostaram do final do conto devido à morte de Edu. Pediram inclusive para reler, para se certificarem de que Edu havia mesmo morrido.

Já na antecipação disseram que o título sugeria: direitos das mulheres, negros, assuntos atuais. Nas discussões, percebeu-se que os sonhos desses alunos foram manifestados, como por exemplo, o sonho de ser jogador de futebol. Um aluno do 6º. C considerou que não tem como vencer a morte nunca. Ressaltaram o aspecto de que há sempre um lado positivo e outro negativo de tudo: o bem e o mal, o ganhar e perder. Fizeram, inclusive, relação com a música Metade.

O texto escolhido para atender o horizonte de expectativa abordava uma temática que os alunos estavam ávidos para discutir, que é a morte e estava de acordo com o nível de entendimento dos mesmos, uma vez que já conheciam o gênero e outros contos da obra escolhida. Tencionou-se, nesse o atendimento aos interesses do leitor, provocá-los e despertar novos interesses, estimulando o senso crítico e a preservação do caráter estético da literatura. A discussão do conto gerou debates e discussões que possibilitaram a percepção da visão dos alunos em relação ao tema.

Ruptura dos horizontes de expectativas: No oco da avelã de Muriel Mingau

Para romper com os horizontes de expectativas manteve-se a mesma temática, mas inovou-se no gênero e no autor. O livro escolhido foi **No oco da avelã** de Muriel Mingau, que nasceu na França, em 1961 e já publicou diversas coletâneas de poemas, livros infantis, peças de teatro e contos. Com título original *Au creux de la noisette* foi publicado como edição original, em 2005, pela Editions Milan, e no Brasil pela Edições SM, em 2013.

A narrativa **No Oco da avelã** conta uma linda história de um menino que encontra a morte em seu caminho. Ao saber que a morte irá em busca da sua mãe, ele a aprisiona em uma avelã e a joga no mar. Ao voltar para casa, a mãe está curada, mas a vida se

transformou. O açougueiro não consegue mais abater seus novilhos e os pescadores não mais conseguem pescar. Falta comida, nem os animais nem os vegetais podem morrer. Ele percebe que com o aprisionamento da morte, o ciclo da vida se desregula. A partir disso, o menino começa a procurar pela avelã para que a vida de todos possa voltar ao normal. As ilustrações são perfeitas.

Como o livro tem 30 páginas, a leitura compartilhada foi desenvolvida em dois dias, ou seja, dois momentos, com um intervalo de uma semana. No primeiro dia, a antecipação contemplou as seguintes questões: Vocês se lembram do que falamos na última aula? Lembram-se da pergunta que fizemos sobre driblar a morte?; O que vocês acham que um livro chamado "No oco da avelã" trata?; Vocês acreditam que tem algo a ver com a morte, tendo em vista os outros textos que lemos?; A autora é francesa. Vocês conhecem algum escritor ou escritora da França, ou alguma história de lá?; Olhando a ilustração da capa, o que vocês acham que ela representa?; Será que a história tem mistério, romance, tristeza ou aventura?

Durante a leitura, os pibidianos realizaram as seguintes indagações: Por que Paul ficou surpreso quando encontrou sua mãe na cama? Vocês conseguem descrever o que Paul está sentindo por meio das ilustrações?; Quem iria buscar a mãe de Paul? Como era a Morte?; O que ele fez com a Morte? Deu certo?; Por que Paul e sua mãe não conseguiram quebrar os ovos e tirar os legumes da terra; os pescadores pegarem os peixes; o açougueiro abater as novilhas e o fazendeiro ceifar o trigo?; Vocês concordam que tudo precisa ter um fim? Para algumas dessas perguntas os pibidianos orientaram os alunos a buscarem apoio, para as respostas, no texto.

Depois da Leitura, as interrogações foram: Vocês gostaram do conto até o momento?; O que esperam da segunda parte?; Vocês acham que Paul vai achar a Morte e conseguir resolver essa situação?; Será que a Morte irá se vingar do menino por ele tê-la prendido em uma avelã e a jogado no mar?

No segundo momento de leitura, as quinze páginas finais do livro, as antecipações foram organizadas da seguinte maneira: Lembram-se do que falamos na última aula? Lembram-se da pergunta que fizemos sobre driblar a morte?; Vocês se lembram como terminamos a leitura?; Tudo estava dando errado sem a morte. Qual será o desfecho dessa história?; Qual foi a falta que a Morte trouxe? Ela é necessária?; Até este ponto, a Morte foi uma vilã?; O que vocês acham que vai acontecer com a mãe de Paul?; Vocês se lembram de onde está a avelã com a Morte dentro?; Será que o final será feliz?

Durante esse segundo momento de leitura compartilhada do livro *No Oco da avelã*, as questões aventadas foram: Por que Paul dormiu na praia?; Por que o caranguejo beliscou o pé de Paul?; Quem foi procurar a avelã no mar? E quem procurou pela areia da praia?; Quem trouxe a notícia que havia encontrado a avelã?; Quem conduziu Paul à avelã? Vocês conseguem me mostrar no texto e na ilustração?; Em quem Paul pensava ao encontrar a avelã? Por quê?; Quando a morte consertou a foice, o que Paul sentiu?; Na antepenúltima ilustração nós vemos a morte imensa e o menino pequeno, o que isso nos faz pensar?; O semblante de Paul diante da morte, após declarar que pouparia sua mãe, é um semblante de quê?; Paul ficou feliz pela partida de sua mãe? Quantos anos ela viveu?; O que Paul sabia desde muito tempo?; Vocês esperavam esse final?

Depois da leitura, os pibidianos perguntaram aos alunos dos sextos anos: Vocês gostaram da história?; Se vocês pudessem trancar algo dentro de uma avelã, vocês trancariam o quê?; A morte é algo que dói muito em nós quando passamos pela perda de alguém. Vocês acham que a morte é uma vilã da história?; Vocês conseguem perceber que sem a morte não há vida?; Quantos anos a mãe de Paul viveu?; A morte soube ser grata a Paul pôr tê-la libertado? Como agradecimento o que a morte deu para Paul?; Esse texto nos faz pensar? Em quê?; Tudo há um começo, meio e fim?

Os alunos não conheciam a autora e disseram não conhecer nenhuma produção francesa, mas os pibidianos fizeram com eles se lembrassem de muitas: *O Corcunda de Notre Dame*, *A bela e a fera*, *O Pequeno príncipe*, etc. Nas antecipações, consideraram que esperavam que fosse uma história triste, devido à ilustração da capa. Também consideraram, nas antecipações, que a morte era triste e desnecessária, mas mudaram de ideia com a leitura integral do livro. Destacaram a coragem do menino que, pela mãe, enfrentou a morte, mas também que era impossível fugir do destino.

Alguns alunos questionaram a ilustração da capa: não fazia sentido a morte andar com uma foice, porque ela não faz uso da foice. Mas relacionaram o ceifar a ceifar a vida, da mesma forma que se ceifa o trigo. Concluíram que a morte é necessária para exercer o seu trabalho, porque sem morte não há vida.

Como a prática foi realizada em dois momentos, e com o intervalo de uma semana, queriam saber o final do texto. Procuraram, na internet, todavia não encontraram.

Um aluno considerou que era possível deixar a morte presa para sempre. Como nada mais morreria com a morte presa, as demais personagens não morreriam e também não precisavam mais se alimentar. Os alunos gostaram muito do final da história,

conseguiram fazer comparações com as situações do cotidiano, houve uma boa interação da parte dos alunos, muitas reflexões a respeito do texto e das ilustrações.

Nessa terceira etapa, Ruptura do horizonte de expectativas, respeitando a mesma temática, apresentou-se um texto que teve por objetivo abalar as certezas dos alunos e provocar maiores exigências interpretativas, e ao mesmo tempo preservar vínculos com as atividades anteriores. Para que ocorresse o rompimento, escolheu-se trabalhar com uma obra que explorasse as vivências e aprofundasse os conhecimentos dos alunos, oportunizando o afastamento do senso comum e a ampliação dos horizontes de expectativas.

Questionamento dos horizontes de expectativas

O questionamento dos horizontes de expectativas é o momento de confronto e debate com base nas leituras realizadas na segunda e na terceira etapas, possibilitando que o aluno compreenda que o texto lido na etapa da ruptura requisitou-lhe um grau mais elevado de análise, oportunizando-lhe mais entendimento e expandindo seu horizonte de expectativas.

É a fase em que são comparados os dois momentos anteriores, confirmando que a mediação que se realiza com a leitura do texto possibilita o entendimento do mesmo. Por isso, durante a prática de leitura compartilhada com o livro *O oco da avelã* de Muriel Mingau, os pibidianos questionaram os alunos dos sextos anos sobre o que entenderam sobre o texto. Os alunos foram constantemente indagados a pensar sobre a leitura do texto. Relacionar o texto com a vivência pessoal possibilita que os alunos aprofundem seus conhecimentos. Questionamentos como “O que Paul sabia desde muito tempo?; A morte é algo que dói muito em nós quando passamos pela perda de alguém. Vocês acham que a morte é uma vilã da história?; Vocês conseguem perceber que sem a morte não há vida?; Esse texto nos faz pensar? Em quê?; Em tudo há um começo, meio e fim?” permitem que o aluno se interesse pelo texto literário.

O trabalho de leitura, análise e discussão do conto “Mundo Justo” e do livro “No oco da avelã” possibilitaram que os sextos anos refletissem sobre os textos literários lidos até o momento e, por meio dessa reflexão, decidiram quais deles exigiram um nível maior de reflexão e um maior grau de satisfação. Esse é um momento muito importante. É momento em que os alunos examinam suas respostas e posturas frente aos textos. O conto e a narrativa mais longa possuem um caráter artístico elevado e de leitura mais complexa

e foram percebidos como mais desafiadores do que as músicas, mas não menos apreciados e admirados. Por ser mais curto, por já conhecerem o gênero e o escritor, os alunos perceberam como menos complexo o conto “Mundo Justo”.

Aguiar e Bordini (1993, p. 90) consideram que:

Desse trabalho de autoexame surgirão perspectivas sobre aspectos que ainda oferecem dificuldades, definições de preferência quanto à temática e outros elementos da literatura, assim como transposições das situações narrativas ou líricas para a órbita da vida real dos jovens leitores. Este é o momento de os alunos verificarem que conhecimentos escolares ou vivências pessoais, em qualquer nível, do religioso ao político, proporcionaram a eles facilidade de entendimento do texto e/ou abriram-lhes caminhos para atacar os problemas encontrados.

O questionamento é a reavaliação de necessidades, interesses e atitudes diante da experiência alcançada. Essa é uma etapa essencial do método, pois esse é o momento de análise da leitura do texto literário, é o momento de o professor analisar o comportamento dos alunos diante dos textos e do grau de complexidade dos mesmos.

Ampliação dos horizontes de expectativas: O meu amigo Pintor de Lygia Bojunga

Para ampliar o horizonte de expectativa, os alunos leram o livro **O meu amigo Pintor** de Lygia Bojunga. Nesse método, os alunos partem de leituras de obras próximas de seus horizontes de expectativas para, progressivamente, ampliarem esses horizontes por meio de diferentes tipos de textos literários com níveis estéticos distintos. A ampliação significa que os alunos ganham autonomia com as leituras que realizam.

Sétimo livro na bibliografia de Lygia Bojunga, **O meu Amigo Pintor**, publicado pela primeira vez em 1987, torna a autora reconhecida no mundo todo, ao retratar a história de um menino que tenta superar a morte do amigo por meio das cores e de um relógio. Nessa narrativa singular, Lygia imprime todo o seu talento como escritora, tornando a leitura muito prazerosa.

A leitura dessa narrativa longa foi programada, ou seja, dividida em quatro partes. Os pibidianos deram início à proposição de leitura lendo, de maneira compartilhada o primeiro capítulo (p. 8 a 13). Para tanto, realizaram todas as antecipações, apresentaram a obra e autora e estimularam a leitura dos alunos. Seria o primeiro momento que leriam sozinhos uma narrativa longa. Assim, essa prática foi desenvolvida em quatro semanas.

O primeiro desafio dos alunos foi ler das páginas 15 a 46. E eles tiveram uma semana para a leitura. Decorrida uma semana, os pibidianos apresentaram novamente o livro físico, fizeram uma breve retomada das páginas 8 a 13. E organizaram as seguintes perguntas: Vocês leram as páginas e capítulos do livro previstos para hoje; - Quem leu? Quem não leu? Por que não leu?; O que vocês entenderam até o momento?; Que caminho a história pode levar?; Qual é o tema da história?; Vocês gostaram de ler dessa forma, isto é, em partes, o livro?; Que tipo de narrador o livro tem? Quem é ele?

Sobre as páginas previstas para a leitura daquela semana, as indagações foram assim organizadas: O que é a cor vermelha para o menino?; E para o amigo Pintor o que significava?; Ele compreendia o amigo Pintor?; O amigo Pintor gostava de ver as coisas belas da vida? O quê?; O amigo Pintor, em suas pinturas, demonstrava o que ele sentia?; Para o amigo Pintor a cor tinha que cor?; Vocês demonstram o o sentimento de vocês?; O que é o nevoeiro no texto?; Ao amanhecer o dia, havia um céu lindo, mas o amigo pintor não pôde estar mais ali para ver, por quê?; Quantos anos vocês pensam que tem o amigo Pintor?; Em seu sonho o amigo Pintor faz um alerta à plateia. Qual?; Vale a pena viver?

Para o encerramento do encontro, os pibidianos perguntaram para os alunos dos sextos anos: Vocês acham que o próximo capítulo traz a sequência do sonho?; Foi citado o termo "fantasma", será que Cláudio considera que seja do amigo Pintor?; Vocês esperam que apareça ligação de outras cores nos próximos capítulos?

Coincidentemente, um aluno em cada sexto ano conhecia o livro e a autora e, cerca de 20% já conheciam a autora e outras obras dela, sobretudo, *A Bolsa Amarela*. Um aluno do 6º. C não gostou da proposta da prática, pois queria ter acesso ao livro todo. Não queria ler em partes. Alguns alunos consideraram não entender a insatisfação do pintor, porque, geralmente, os pintores são felizes.

Debateram sobre a simbologia das cores no livro. Um aluno do 6º. A comparou o céu com nevoeiro como sinal da morte chegando. E a cor vermelha foi associada à representação do inferno, por ser considerada uma cor quente, pelos alunos. E julgaram ser muito importante falar sobre a morte para a melhor aceitação da única certeza da vida. Consideraram também que a partir das práticas dos pibidianos estão com vontade de ler mais.

De forma unânime, consideraram o melhor livro lido até aquele momento. Os alunos, de maneira geral, demonstraram muito interesse na leitura. Os pibidianos perceberam que alunos que não participavam antes começaram a participar mais.

Para a semana subsequente da realização da prática de leitura programada, em que os alunos teriam de continuar a leitura, lendo das páginas 47 a 78, os pibidianos prepararam a seguinte antecipação: Apresentaram o livro novamente; Retomaram as páginas anteriores; Listaram os alunos que leram e o que acharam; Perguntaram o motivo por que não leram; Perguntaram: O que entenderam da leitura; se tinham dúvidas sobre a leitura e qual a parte que mais chamou a atenção na leitura.

Sobre o questionamento em si das páginas lidas, investigaram: Vocês lembram quando o menino desenhou o seu coração? Como era?; E se eu pedisse pra vocês desenharem o seu coração agora, qual cor ele teria?; O Amigo Pintor gostava do menino? Como ele descreve esse sentimento?; O menino e o Amigo Pintor eram parecidos?; Na obra fala que o Pintor pintava mulheres diferentes, mas todas tinham o mesmo jeito, por quê?; Vocês acham que um artista pode amar tanto o seu trabalho a ponto de não querer mais viver caso sua obra não tenha vida?; Por que o amigo Pintor e a Dona Clarice não se casaram?; O que representavam as três figuras verdes do sonho?; Vocês acham que esse sonho foi uma despedida do amigo Pintor?; Por que o menino empacou quando foi conversar com Dona Clarice?; Como o amigo Pintor se despediu de Dona Clarice?; Vocês entenderam o porquê Dona Clarice mentiu sobre a forma como o amigo Pintor morreu?

Na conclusão da aula, os pibidianos perguntaram: Quais eram os três amores do Pintor?; Vocês acham que a Dona Clarice foi a causa da morte do Pintor?; Foi a arte a causadora da morte? E a política?; Vocês acham que Dona Clarice foi ruim ao mentir para o garoto Cláudio? Existe hora certa para falar a verdade abertamente?; Qual caminho a história pode levar? Será que o livro vai mostrar o motivo da morte?; Quais antecipações que vocês fazem antes da leitura das próximas páginas?

Os alunos dos sextos anos consideram que o texto é dramático. Falaram sobre as cores do coração, que cada coração é de uma cor, que é importante respeitar o coração do outro. E que a mentira é necessária quando é para algo bom. Pelo menino ser criança, ele não entenderia sobre o suicídio, que só entenderia quando crescesse.

Gostaram. Participaram. Retomavam sozinhos algumas partes, demonstrando que tinham lido mesmo. Associaram as cores a sentimentos diferentes: marrom é cor de estar chateado. Para um aluno do 6º. B, o vermelho representa a morte e o laranja, por ser uma espécie de vermelho claro, a saudade: a saudade de quem morreu, de quem está de luto.

Discutiram sobre o suicídio e ressaltaram a importância da vida e da necessidade de se lutar por ela. E não queriam parar de ler, ressaltando que começaram a ler depois

que se iniciaram as práticas do Pibid. Um aluno do 6º. C disse que leu seis vezes a parte programada para aquela aula, de tanto que gostou do texto.

Por fim, a leitura programada da última parte do livro **O meu amigo Pintor**, p. 79 a 115, foi assim organizada na antecipação: Apresentar o livro e a autora novamente; Retomar as páginas anteriores; Listar os alunos que leram, os que não leram e o motivo; Perguntar se gostaram do final e se correspondeu com as expectativas; Questionar se tiveram alguma dúvida; Qual parte mais chamou a atenção?

Sobre o texto em si, os seguintes questionamentos foram realizados: Cláudio chegou à conclusão de que não deveria separar a amizade de todos os questionamentos em sua cabeça. Como ele pensou nisso?; É possível perceber os motivos de tanto procurar entendê-los? Ou Cláudio apenas preferiu pensar sem procurar respostas?; Quando surgiu a história do "Amigo Pintor" na cabeça da autora?; Lygia preferia escrever livros espontaneamente ou por encomenda?; Quem era Cláudio na vida da autora?; Quais lembranças da autora foram usadas para escrever esse livro?; A partir de quando começou a escrever demorou quanto tempo para finalizar a obra?; Onde foi produzido o livro?; O que significa "a ilha" para Lygia?; Vocês acreditam que as pinturas que a autora fala, motivaram o fato de a história ser sobre arte?; Lendo o relato da autora vocês conseguem perceber com mais clareza o significado da política no texto?; Vocês sabem o que significa "direitos autorais"? Vocês acreditam que é possível viver da escrita no Brasil? Lembrando que a parte final lida e discutida nesse último encontro dizia respeito ao final do livro **O meu amigo Pintor** e "Pra você que me lê", que consta no final desse livro e de muitos livros de Lygia, uma espécie de carta ao leitor, um convite de Lygia Bojunga ao seu mundo da imaginação.

Para finalizar, os pibidianos perguntaram: Gostaram do livro?; O que mais marcou nessa obra?; Vocês leriam outros livros de Lygia? Gostaram da maneira com que ela escreve?; Por meio da fala da autora, podemos perceber sua inspiração no irmão Cláudio e em seu amigo que passou pela época da ditadura. Com essa afirmação, podemos dizer que "A arte imita a vida e a vida imita a arte"? Por quê? Findaram com a projeção do vídeo de uma entrevista, disponível em <<https://youtu.be/9KKob3AWnGk>>, em que Lygia Bojunga conversa com Entrelinhas sobre sua obra e sobre seu trabalho como atriz.

Os alunos gostaram muito da parte "Pra você que me lê", relataram que nunca haviam lido algo assim, sentiram-se mais próximos da autora e do livro. Gostaram também da entrevista, disseram que ela pareceu ser uma pessoa mais acessível depois de

assistirem à sua fala. Ressaltaram que normalmente as pessoas não veem as cores com significados e o livro trouxe um pouco de como as cores são importantes.

Um aluno do 6º. B considerou que as cores para a pintura precisam ter um significado, não é simplesmente uma cor, o artista expressa seu sentimento por meio das cores. Outro aluno, também do 6º. B, disse que o branco dói mais que o preto, e que a cor laranja realmente lembra a saudade.

Em média, 70% dos alunos leram. Os que não liam, prometiam que leriam, e pelo menos 50% cumpriam com a promessa. O incentivo para a leitura da parte final foi grande. Durante a semana, os pibidianos gravavam vídeos para lembrá-los da leitura e para estimulá-los a ler.

A ampliação dos horizontes de expectativas é um estágio resultante da reflexão anterior realizada pelos alunos. Impressionante como eles percebem o quanto as proposições desafiadoras de leitura ampliaram seu universo existencial. Eles têm consciência das mudanças que ocorreram no seu aprendizado sobre leitura, leitor e literatura.

Para Aguiar e Bordini (1993), o método recepcional de ensino funda-se na atitude participativa do aluno em contato com os diferentes textos. No Método Recepcional, o leitor que é considerado um sujeito ativo no processo da leitura, tendo voz em seu contexto. Esse método proporciona momentos de debate e reflexão sobre a obra lida, possibilitando ao aluno a ampliação dos seus horizontes de expectativas. As práticas de leitura realizadas nesse projeto possibilitam reflexão e conscientização das transformações e das conquistas, possibilitando que os alunos dos sextos anos ampliem seus conhecimentos.

Algo a se destacar é que, mesmo os pibidianos não fazendo referência à moral da história nem mesmo perguntando ou indicando o que essa história ensina, porque não é assim que concebemos a literatura nem a organização das práticas, alguns alunos dos sextos anos, ao final da interpretação, apresentam as seguintes falas: “esse texto me ensinou...”, “eu aprendi com esse texto...”, que pode denotar que as práticas de leitura vivenciadas por esses alunos, realizadas no Ensino Fundamental I, podiam ter a proposição de localizar a moral e o ensinamento do texto.

Umberto Eco (1972) defende que os processos de leitura e interpretação não podem pressupor uma análise pré-definida e estruturada do texto. Do contrário, devem provocar uma profunda liberdade por parte do leitor, que é também receptor, tornando-se tarefa sua extrair dele uma análise pessoal.

Vale ressaltar que na organização e preparação do trabalho com as práticas de leitura, cada grupo dividia o trabalho entre os participantes, de modo que todos os pibidianos do grupo tinham atuação em todas as aulas. Vale ressaltar também que o trabalho só foi eficaz porque teve o comprometimento de todos os envolvidos. Dos pibidianos, da professora regente da sala de aula e minha, coordenadora do subprojeto de Letras. O trabalho da professora regente foi fundamental. Ela participa de todas as reuniões de formação e preparação.

Considerações Finais

Despertar o gosto pela leitura do texto literário é um grande desafio para os professores de Língua Portuguesa. Em tempos de pandemia e isolamento, em que as práticas de leitura precisam ser realizadas remotamente, esse desafio se intensifica. Receita milagrosa não existe. O vínculo com a leitura se estabelece com confiança, paciência e constância. Por esse motivo é importante ler com e para os alunos e criar cumplicidade para tornar o livro um objeto cotidiano interessante e atraente, em qualquer tempo, mesmo quando não se é possível estar presencialmente com os alunos.

Não se pode apostar na leitura com o objetivo de ensinar os alunos a agir corretamente. Centrar a atenção na moral, nas virtudes, nos bons ensinamentos empobrece demasiadamente a literatura, reduz o momento mágico da leitura e da interpretação a algo previsível e aborrecedor. Ao contrário disso, acredita-se na ideia de que o mais sedutor na construção da relação do leitor com o livro é que reflexões resultantes da leitura agem alargando os conhecimentos sobre a vivência, o mundo, as pessoas e os sentimentos.

A execução do Projeto “Formação do leitor literário em tempos de pandemia, quais práticas priorizar?”, realizado pelo subprojeto de Letras Português do Pibid, que buscou despertar o gosto e o prazer pela leitura de textos literários em alunos do 6º ano do Ensino Fundamental de uma escola estadual em Paranavaí, foi importante na medida em que procurou compreender, como o método e a teoria escolhida podem interferir na experiência com a leitura em tempos de isolamento social.

A leitura é uma conquista diária. As crianças só se encantam pela leitura se forem fisgadas pela curiosidade, se forem levadas pela vontade. Os professores precisam escolher bons livros literários, garantir a diversidade de gêneros e levar em conta as preferências das crianças e dos adolescentes e realizar boas mediações e interações: do

que está escrito e do que não está, relacionar com o que já foi lido, justificar a interpretação tendo como base o próprio texto.

Aquele que exerce o papel de mediador da leitura tem por dever ser bastante exigente e seletivo nos títulos que indica, não pode se satisfazer com textos banais, didatizados ou simplificados. É importante colocar nas mãos das crianças textos literários complexos a fim de que a leitura deixe marca profunda na personalidade de seus leitores.

Para o grupo, o projeto mostrou-se exequível e importante, pois possibilitou o desenvolvimento da formação leitora do sexto ano. Percebeu-se que os alunos, a cada prática trabalhada, tornaram-se mais participativos e mais críticos em seus comentários e contribuições acerca da interpretação dos textos lidos.

Enquanto formadores de leitores, acredita-se que não se pode subestimar o leitor educando e que é preciso apostar no leitor, fixando patamares elevados de leitura, para tanto, isso exige que as práticas de leitura sejam constantemente desenvolvidas em sala de aula. O projeto com essa sequência teve o seu término, mas outras sequências estão sendo elaboradas e serão aplicadas durante os próximos meses até o final do ano de 2021 nas três salas dos sextos anos. A próxima sequência terá como gênero o poema e a última sequência será composta pela literatura infantil e juvenil de temática africana e afro-brasileira com textos em prosa dos autores Georgina Martins, Heloísa Pires Lima, Júlio Emílio Braz, Rogério de Andrade Barbosa e Emicida. No final do ano, o projeto será encerrado com um sarau literário envolvendo os três sextos anos.

Em todas essas sequências, a prática de leitura compartilhada ou colaborativa será privilegiada, pois se constatou, no trabalho desenvolvido até aqui, que quando diferentes leitores evidenciam aos demais a direção que seguem para compreender um texto, quando revelam de que forma fazem uso de uma informação ofertada pela obra e como definem essas ligações entre ela e seus conhecimentos, o interesse pela leitura é maior.

A prática de leitura programada também se fará presente, pois o momento de leitura individual é decisivo para a formação do leitor autônomo e proficiente.

Apesar de todas as dificuldades inerentes ao universo da escola pública e da forma remota que o momento exige, esse projeto mostra que, com estudo e planejamento, é possível possibilitar aos alunos um encontro prazeroso com a literatura, sem envolver questionários para se responder, sem ficha de leitura, ou resumos de livros, mas com muita discussão e interpretação e, principalmente, leitura.

A literatura é fundamental na formação do indivíduo, o hábito da leitura na infância e a aquisição do gosto pela literatura ajudam a despertar na criança o senso crítico, imaginativo e emancipatório. É nisso que esse projeto aposta.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vera Teixeira de; BORDINI, Maria da Glória. **Literatura – a formação do leitor**: alternativas metodológicas. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/ Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BOJUNGA, Lygia. **O meu amigo Pintor**. 24 ed. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2004.

BRÄKLING, Kátia Lomba. **Referencial Curricular de Língua Portuguesa**. Versão Preliminar. Colégio Hebraico Brasileiro Renascença. São Paulo (SP); jun/08.

BRÄKLING, Kátia Lomba. **Sobre a leitura e a formação de leitores**. São Paulo: SEE: Fundação Vanzolini, 2004.

CARRASCOZA, João Anzanello. **Aquela Água Toda**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros**: a leitura literária na escola. Trad. Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.

COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática. 2ª. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

ECO, Umberto. **A Definição da Arte**. Lisboa: Edições 70, 1972.

KATO, Mary. **O Aprendizado da Leitura**. São Paulo: Martins Fontes Ltda, 1985.

MINGAU, Muriel. **No oco da avelã**. Ilustrações de Carmen Segovia. São Paulo: Edições SM, 2013.

ROJO, Roxane Helena Rodrigues. **Letramento e capacidade de leitura para a cidadania**. São Paulo: SEE/CENP, 2004.

TOCCHET, Carla. A Formação dos formadores de professores com foco na ampliação da proficiência leitora de textos literários. In: **Actas del III Seminário Nacional de La Red Estrado**. La Plata - Argentina, 2016.

Submetido em: 30/06/2021

Aprovado em: 03/02/2022

Como referenciar este artigo:

LEAL, Luciana Ferreira. Formação do leitor literário em tempos de Pandemia, quais práticas priorizar? **revista Linguasagem**, São Carlos, v.41, COVID-19: uma pandemia sob o olhar das ciências da linguagem. 2022 p. 47-70.